

Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 12, jul-dez/2012

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

Nietzsche-poeta

Henry Burnett

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Guarulhos, Brasil

RESUMO

Nietzsche-poeta

Quase sempre marginal em relação à obra em prosa, a obra poética de Nietzsche ocupa um lugar significativo entre seus escritos. De várias maneiras, seus poemas espelham seu pensamento filosófico, como um prolongamento de sua obra e de sua vida. Neles, Nietzsche destila muitas questões e vivências clássicas que foram apresentadas em seus livros. Este ensaio apresenta as linhas gerais de sua poética, mas não pretende ser uma crítica exaustiva de toda obra em verso. Toma como base o recorte do conjunto de poemas traduzidos por Rubens Rodrigues Torres Filho para o volume “Nietzsche”, da clássica coleção Os Pensadores, selecionados por Gérard Lebrun, e os comenta em duas frentes: aproximando-os de obras publicadas por meio de comentários críticos e propondo uma interpretação musical a partir da tradução poética de Rubens Torres Filho.

Palavras-chave: Friedrich Nietzsche – Rubens Rodrigues Torres Filho – poesia – Alemanha – música

ABSTRACT

Nietzsche-poet

Nietzsche's poetic work, almost always marginal in relation to work in prose, occupies notwithstanding a significant place among his writings. In many ways, his poems reflect his philosophical thought, as an extension of his work and his life. In them Nietzsche condenses many issues and classic experiences presented in his books. This essay presents his poetic in broad outlines, but is not intended to be an exhaustive review of his work in verse. It is based on Gérard Lebrun's selection of Nietzsche's poems, translated by Rubens Rodrigues Torres Filho to the classical edition of Nietzsche's work in Os pensadores collection. I will comment these poems following two directions: approaching them to published works by means of critical comments and also proposing a musical interpretation of the poetic translation of Rubens Rodrigues Torres Filho.

Keywords: Friedrich Nietzsche – Rubens Rodrigues Torres Filho – poetry – Germany – music

BURNETT, H. “Nietzsche-poeta”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. VI, n. 12 (jul-dez/2012), pp. 61-79.

DOI: 10.22409/1981-4062/v12i/140

Aprovado: 02.05.2013. Publicado: 13.07.2013.

© 2013 Henry Burnett. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 02.05.2013. Published: 13.07.2013.

© 2013 Henry Burnett. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Introdução

No primeiro prefácio d'*O nascimento da tragédia*, de 1872, quando Nietzsche ainda prestava contas de sua leitura do famoso texto de Wagner – *Beethoven* –, exagerando ao ponto de quase afirmar que sua influência teria sido fundamental para a redação do livro recém-lançado, o leitor desavisado poderia achar que se trata de um excesso típico de uma juventude... cheia de excessos. É quando começamos a descobrir que Wagner foi um prolífico escritor, além de ter sido um compositor referencial na história da música; mas não só. Para muitos, mormente para os wagnerianos, ele foi tido como poeta, teatrólogo, esteta e até mesmo filósofo. O mesmo espanto que possa acometer o leitor atual ao descobrir esse Wagner-escritor pode, ainda hoje, assaltar leitores incautos diante do volume da produção do Nietzsche-poeta.

A estes leitores cabe adiantar que não estamos falando de *alguns poemas esparsos*, como diríamos de um poeta bissexto, mas de uma produção poética com todos os seus percalços. Como no caso de Wagner, mas ao inverso, outra face manteve sua poesia quase proscrita: o peso da obra crítica e filosófica. O mesmo se deu, em certa medida, com o compositor, cujas obras teóricas foram preteridas em razão do alcance da obra musical. Aqui, no âmbito deste ensaio, não se trata de uma análise extensa ou mesmo crítico-literária da produção poética de Nietzsche – tarefa que ocuparia um livro inteiro e exigiria dispositivos próprios da área. Trata-se, tão somente, de um comentário que pretende dar destaque à relação de alguns desses poemas com a obra filosófica de Nietzsche, realçando seu valor para um leitor de poesia e de filosofia atual.

Com isso, podemos sondar de modo seguro essa dupla face da obra de Nietzsche, marcando precisamente a distância e o vínculo entre o que seria sua produção poética, caso ela pudesse ser isolada, e sua verve filosófica. Essa tarefa daria bem a medida de um tema recorrente da própria estética nietzschiana: onde se separam os domínios instintivos e conscientes, naturais e técnicos? E onde esses domínios se afastariam na sua própria escrita? Ou ainda: podemos distinguir essa dupla origem utilizando a distinção entre natureza (poética) e cultura (filosófica)?

Os poemas de Nietzsche estão dispersos, ou talvez fosse melhor dizer diluídos, em muitos livros, mas, se tomarmos a disposição elaborada em uma edição cuidadosa, dedicada aos poemas de Nietzsche em alemão, cobrindo o período que vai de 1878 a 1908 (abarcando publicações e descobertas póstumas), encontraremos a seguinte distribuição dos ciclos dessa poética:

- *Idyllen aus Messina (Zyklus 1882)*
- *Scherz, List und Rache. Vorspiel in deutschen Reimen (Sammlung 1882)*
- *Lieder des Prinzen Vogelfrei (Zyklus 1887)*
- *Dionysos-Dithyramben. [Die Lieder Zarathustra's] (Zyklus, Partien nach dem Erstdruck 1891).¹*

Como se vê, não se trata de um conjunto fragmentário, antes de uma disposição organizada em ciclos, como designa a edição alemã. Aparentemente, Nietzsche organizou sua produção poética com o mesmo esmero que o fez quando preparou seus livros para publicação – é o que se pode concluir ao identificar a disposição dos poemas no interior dos livros publicados. Na citada edição portuguesa a organização segue outra estrutura:

- *Ditirambos dionisiacos*
- *Fragmentos de ditirambos dionisiacos (Canções de Zaratustra)*
- *Outros poemas*
- *Poemas em prosa*

São variações editoriais de uma poesia errante, dispersa nos livros em prosa, mas não de modo aleatório, e sim como espelhamento das ideias neles contidas. Se considerarmos a edição brasileira das obras, traduzidas por Paulo César de Souza (com exceção d'*O nascimento da tragédia*, traduzido por Jacó Guinsburg), podemos perceber melhor como Nietzsche distribuiu seus poemas de acordo com uma ordem clara no interior das obras publicadas:

- 1872, *O nascimento da tragédia* (nenhum poema foi incluído)
- 1878, *Humano, demasiado humano I: um livro para espíritos livres* (a 2ª edição, de 1886, inclui *Unter Freunden, Ein Nachspiel; Entre amigos, um epílogo*)
- 1879/1880, *Humano, demasiado humano II* (nenhum poema foi incluído)
- 1881, *Aurora* (segundo nota do tradutor, Nietzsche visitara Messina, na Sicília, em abril de 1882; como resultado, oito poemas intitulados “Idílios de Messina” foram publicados em uma revista mensal e, depois de saírem em *Aurora*, foram incorporados em sua maioria à 2ª edição d'*A gaia ciência*, em 1886, como parte das “Canções do príncipe Vogelfrei”, com várias alterações)
- 1882/1887², *A gaia ciência* (inclui o “maior conjunto de poemas reunidos pelo autor”, no dizer do tradutor brasileiro, *Anhang, Lieder des Prinzen Vogelfrei; Apêndice, Canções do príncipe Vogelfrei*)
- 1883, 1884, 1885, *Assim falou Zaratustra* (nenhum poema incluído)
- 1886, *Além do bem e do mal* (inclui *Aus hohen Bergen. Nachgesang; Do alto dos montes. Canção-epílogo*)
- 1887, *Genealogia da moral* (nenhum poema incluído)

- 1888, *O caso Wagner* (nenhum poema incluído)
- 1888, *Nietzsche contra Wagner* (inclui *Von der Armuth des Reichsten; Da pobreza do mais rico*)
- 1889, *Crepúsculo dos ídolos* (nenhum poema incluído, à exceção de uma compilação não inédita extraída de *Assim falou Zaratustra*, escolhida por Nietzsche para figurar ao final do livro, como apêndice: *Fala o martelo*)
- *Ditirambos de Dionísio* (incluído entre os “manuscritos autorizados” da eKGWB, sem data, reúne nove poemas dedicados a Dioniso.³ Na edição brasileira, divide espaço com *O anticristo*; recebeu, primeiramente, o título de “Canções de Zaratustra”).

Recorte

Para nosso intento aqui, tomaremos como base o conjunto de poemas traduzidos por Rubens Rodrigues Torres Filho para o volume *Nietzsche*, da coleção *Os pensadores*. Sobre a escolha dessas traduções cabem algumas considerações. Pouco frequentada nas produções acadêmicas como fonte de comentários – tendo recebido uma atenção modesta em comparação com as obras ditas filosóficas – a seleção em questão dá bem a medida do todo dessa produção e de seu significado para os leitores de Nietzsche no Brasil. Os poemas incluídos no volume abarcam alguns dos temas mais importantes tanto no conjunto da obra poética quanto em seus vínculos com a obra publicada em prosa. Os textos para esse volume da coleção foram selecionados por Gérard Lebrun, notabilizado como um dos primeiros intérpretes da obra de Nietzsche no Brasil, o que explica, sem dúvida, o rigor e a precisão do recorte.⁴ Entretanto, como a reproduzir o lugar da poética no conjunto da obra, esses poemas são o apêndice do volume, mas não são menos importantes por isso, como tentarei mostrar.

Além de possibilitar uma porta de entrada à poesia de Nietzsche, a escolha das traduções tem ainda outra razão fundamental: os poemas traduzidos por Rubens Torres Filho foram musicados pelo autor deste ensaio e fazem parte, junto com alguns poemas do próprio tradutor – como “E de resto, Glaura? Tem ido ao cinema?” e “Trovas populares” –, da trilha sonora de um documentário sobre sua vida e obra, dirigido por Yanete Aguilera (em fase de produção).⁵ Por fim, cabe dizer que nenhuma tradução dos poemas de Nietzsche para o português atingiu o grau de fidelidade literária deste trabalho, e nem foi essa a intenção no caso declarado de Paulo César de Souza, como se lê em uma nota às traduções na edição d’*A gaia ciência*, traduzidas limitando-se a “verter quase literalmente os poemas”. As intervenções musicais sobre os poemas disponibilizadas aqui constituem, sem dúvida, o verdadeiro “exercício de interpretação” que está na base deste pequeno ensaio, de resto despretensioso do ponto de vista crítico-literário. Parece-me dispensável deixar registrado que os poemas só foram incorporados ao ambiente da canção brasileira em razão das soluções encontradas pelo tradutor. Abaixo, transcreveremos os poemas na íntegra, com os originais em alemão ao lado e com o áudio ao final.⁶

Poemas

I

Vocação de poeta⁷

(Das canções do Príncipe Livrepássaro, poemas de 1882-1884, publicados em apêndice à Gaia Ciência, na edição de 1886.)

Ainda outro dia, na sonolência
 De escuras árvores, eu sozinho,
 Ouvi batendo, como em cadência,
 Um tique, um taque, bem de mansinho...
 Fiquei zangado, fechei a cara –
 Mas afinal me deixei levar
 E igual a um poeta, que nem repara,
 Em tique-taque me ouvi falar.

E vendo o verso cair, cadente,
 Sílabas, upa, saltando fora,
 Tive que rir, rir, de repente,
 E ri por um bom quarto de hora.
 Tu, um poeta? Tu, um poeta?
 Tua cabeça está assim tão mal?
 – “Sim, meu senhor, sois um poeta”,
 E dá de ombros o pica-pau.

Por quem espero aqui nesta moita?
 A quem espreito como um ladrão
 Um dito? Imagem? Mas, psiu! Afoita
 Salta à garupa rima e refrão.
 Algo rasteja? Ou pula? Já o espeta

Em verso o poeta, justo e por igual.
 – “Sim, meu senhor, sois um poeta”,
 E dá de ombros o pica-pau.

Rimas, penso eu, serão como dardos?
 Que rebuliços, saltos e sustos,
 Se o dardo agudo vai acertar dos
 Pobres lagartos os pontos justos.
 Ai, ele morre à ponta da seta
 Ou cambaleia, o ébrio animal!
 – “Sim, meu senhor, sois um poeta”,
 E dá de ombros o pica-pau.

Vesgo versinho, tão apressado,
 Bêbada corre cada palavrinha!
 Até que tudo, tiquetaqueado,
 Cai na corrente, linha após linha.
 Existe laia tão cruel e abjeta
 Que isto ainda – alegre?
 | O poeta – é mau?
 – “Sim, meu senhor, sois um poeta”,

Dichters Berufung

Als ich jüngst, mich zu erquicken,
 Unter dunklen Bäumen sass,
 Hört' ich ticken, leise ticken,
 Zierlich, wie nach Takt und Maass.
 Böse wurd, ich, zog Gesichter, —
 Endlich aber gab ich nach,
 Bis ich gar, gleich einem Dichter,
 Selber mit im Tiktak sprach.

Wie mir so im Verse-Machen
 Silb' um Silb' ihr Hopsa sprang,
 Musst' ich plötzlich lachen, lachen
 Eine Viertelstunde lang.
 Du ein Dichter? Du ein Dichter?
 Steht's mit deinem Kopf so schlecht?
 — „Ja, mein Herr, Sie sind ein Dichter“
 Achselzuckt der Vogel Specht.

Wessen harr' ich hier im Busche?
 Wem doch laur' ich Räuber auf?
 Ist's ein Spruch? Ein Bild? Im Husche
 Sitzt mein Reim ihm hintendrauf.
 Was nur schlüpft und hüpf,
 | gleich sticht der
 Dichter sich's zum Vers zurecht.
 — „Ja, mein Herr, Sie sind ein Dichter“
 Achselzuckt der Vogel Specht.

Reime, mein' ich, sind wie Pfeile?
 Wie das zappelt, zittert, springt,
 Wenn der Pfeil in edle Theile
 Des Lacerten-Leibchens dringt!
 Ach, ihr sterbt dran, arme Wichter,
 Oder taumelt wie bezecht!
 — „Ja, mein Herr, Sie sind ein Dichter“
 Achselzuckt der Vogel Specht.

Schiefe Sprüchlein voller Eile,
 Trunkne Wörtlein, wie sich's drängt!
 Bis ihr Alle, Zeil' an Zeile,
 An der Tiktak-Kette hängt.
 Und es giebt grausam Gelichter,
 Das dies — freut?
 | Sind Dichter — schlecht?
 — „Ja, mein Herr, Sie sind ein Dichter“

E dá de ombros o pica-pau.

Tu zombas, ave? Queres brincar?
Se está tão mal minha cabeça,
Meu coração pior há de estar?
Ai de ti, que minha raiva cresça! –
Mas trança rimas, sempre – o poeta,
Na raiva mesmo sempre certo e mau.
– “Sim, meu senhor, sois um poeta”,
E dá de ombros o pica-pau.

Achselzuckt der Vogel Specht.

Höhnst du, Vogel? Willst du scherzen?
Steh'ts mit meinem Kopf schon schlimm,
Schlimmer stünd's mit meinem Herzen?
Fürchte, fürchte meinen Grimm! —
Doch der Dichter — Reime flicht er
Selbst im Grimm noch schlecht und recht.
— „Ja, mein Herr, Sie sind ein Dichter“
Achselzuckt der Vogel Specht.

Para ouvir: https://soundcloud.com/henry_burnett/1-vocacao-de-poeta

O poema nos coloca diante de um dilema no qual Nietzsche esteve imerso senão a vida inteira, certamente em grande parte dela. Trata-se do drama vocacional que o dividia entre a exacerbação de sua paixão pela poesia e pela música e sua tarefa intelectual plena, ditada por uma probidade inamovível. De muitas formas, sua obra resulta dessa tensão. Próximo do que chamaríamos hoje de uma metapoesia, o poema joga com a capacidade mesma de se fazer versos e da sua função. A dispersão desse indivíduo deslocado no tempo que se julga *igual a um poeta, que nem repara*, como um criador sem consciência de seu fazer poético, perdido em meio a esse compor inconsciente, contrasta com a dúvida sobre a potência dos versos, *Rimas, penso eu, serão como dardos?* A duplicidade mostra que Nietzsche mantinha o jogo livre entre poesia/filosofia, sonho/realidade, instinto/razão, natureza/cultura. Mas a exposição dessa dualidade, própria do poeta-filósofo, não significa que uma tomada de posição viria adiante, ou seja, que um dos lados seria escolhido – talvez não possamos nem mesmo distinguir radicalmente poesia e filosofia, se considerarmos que, a rigor, eles acabaram por se fundir no estilo aforismático de Nietzsche.

O poema fala da captura das palavras nos versos *A quem espreito como um ladrão?/ Um dito? Imagem? Mas psiu! Afoita/ Salta à garupa rima e refrão*, para adiante descrever o quase dom natural do ofício, *Algo rasteja? Ou pula? Já o espeta/ Em verso o poeta, justo e por igual*. Em meio à falsa dúvida, o pássaro, figura que tornará a aparecer em outros poemas, repete o que podemos chamar de estribilho do poema: *‘Sim, meu senhor, sois um poeta’ e dá de ombros o pica-pau*, quase a demonstrar que não era preciso temer a língua divinizante da poesia, com a qual poderiam ser expressas quaisquer coisas, principalmente a filosofia.

Mas, além do jogo entre fazer e sentir, o poema é também um momento de introspecção tenso, de questionamento sobre a força da poesia como linguagem adequada para expressar um projeto que flutuava entre o impulso estético e o teor moral. Afinal, já naquele momento, a pergunta de fundo poderia ser *‘para quê poesia?’ Existe laia tão cruel e abjeta/ Que isto ainda – alegre? O poeta – é mal?* Por outro lado, comprovando certa fragilidade, o poeta não hesita em concluir o poema com uma exposição pessoal de seus males, *Tu, zombas, ave? Queres brincar?/ Se está tão mal assim minha*

cabeça, / Meu coração pior há de estar? Isso por si bastaria para notarmos, numa aproximação superficial, os vínculos estreitos entre vida e obras – no plural, separando aqui, forçadamente, as esferas artística e filosófica. Para Nietzsche, a poesia parece ideal para acertar seus alvos, mas é também onde encontramos a ambivalência de seu uso, a continuação de uma célebre reflexão sua acerca da necessidade de ter *cantado* seu primeiro livro e não escrito como um tratado filológico, que ele não foi. Com os poemas posicionados à sombra das obras, podemos entender com mais clareza a extensão daquela afirmação autocrítica.

Uma revolução filosófica, estética e estilística não poderia ser feita utilizando-se dos mesmos subsídios que sustentam o presente historicista e cientificista que precisava ser superado. Seus poemas mantiveram vivo esse desejo de expressar-se na arte para repensá-la, e assim recolocar diversas outras questões em xeque, da ética à metafísica. Não cabe aqui discutir o valor literário puro e simples desses versos, antes mostrar que não houve um abandono da forma do verso, ou talvez da forma poética, metafórica, imagética em nenhum momento do percurso produtivo de Nietzsche. Se ele tentou transpor para a forma do aforismo a potência estilística da poesia, isso talvez precise ser ainda demonstrado, mas não resta dúvida que esse espelhamento dos temas centrais da obra filosófica nos poemas interliga essas duas frentes de modo nítido, e permite que façamos da leitura dessa poesia aparentemente diletante uma fonte tão importante quando um fragmento póstumo.

II

No sul⁸

(Das Canções do Príncipe Livrepássaro)

Eis-me suspenso a um galho torto
 E balançando aqui meu cansaço.
 Sou convidado de um passarinho
 E aqui repouso, onde está seu ninho.
 Mas onde estou? Ai, longe, no espaço.

O mar, tão branco, dormindo absorto,
 E ali, purpúrea, vai uma vela.
 Penhasco, idílios, torres e cais,
 Balir de ovelhas e figueirais.
 Sul da inocência, me acolhe nela!

Só a passo e passo
 | – é como estar morto,
 O pé ante pé faz o alemão pesar.

Mandei o vento levar-me ao alto,

Aprendi com pássaros leveza e salto –
 Ao sul voei, por sobre o mar.

Im Süden

So häng' ich denn auf krummem Aste
 Und schauke meine Müdigkeit.
 Ein Vogel lud mich her zu Gaste,
 Ein Vogelnest ist's, drin ich raste.
 Wo bin ich doch? Ach, weit! Ach, weit!

Das weisse Meer liegt eingeschlafen,
 Und purpurn steht ein Segel drauf.
 Fels, Feigenbäume, Thurm und Hafen,
 Idylle rings, Geblök von Schafen, —
 Unschuld des Südens, nimm mich auf!

Nur Schritt für Schritt
 | — das ist kein Leben,
 Stets Bein vor Bein macht
 | deutsch und schwer.

Ich hiess den Wind mich
 | aufwärts heben,
 Ich lernte mit den Vögeln schweben, —
 Nach Süden flog ich über's Meer.

Razão! Trabalho pesado e ingrato!
 Que vai ao alvo e chega tão cedo!
 No voo aprendo o mal que me eiva –
 Já sinto ânimo, e sangue e seiva
 De nova vida e novo brinquedo...

Quem pensa a sós, de sábio eu trato,
 Cantar a sós – já é para os parvos!
 Estou cantando em vosso louvor:
 Fazei um círculo e, ao meu redor,
 Malvados pássaros, vinde sentar-vos!

Jovens, tão falsos, tão inconstantes,
 Pareceis feitos bem para amantes
 E em passatempos vos entreter...
 No norte amei – e confesso a custo –
 Uma mulher, velha de dar susto:

“Verdade”, o nome dessa mulher.

Vernunft! Verdrüssliches Geschäfte!
 Das bringt uns allzubald an's Ziel!
 Im Fliegen lernt', ich, was mich äffte, —
 Schon fühl' ich Muth und Blut und Säfte
 Zu neuem Leben, neuem Spiel...

Einsam zu denken nenn' ich weise,
 Doch einsam singen — wäre dumm!
 So hört ein Lied zu eurem Preise
 Und setzt euch still um mich im Kreise,
 Ihr schlimmen Vögelchen, herum!

So jung, so falsch, so umgetrieben
 Scheint ganz ihr mir gemacht zum Lieben
 Und jedem schönen Zeitvertreib?
 Im Norden — ich gesteh's mit Zaudern —
 Liebt' ich ein Weibchen,
 | alt zum Schaudern:
 „Die Wahrheit“ hiess dies alte Weib...

Para ouvir: https://soundcloud.com/henry_burnett/2-no-sul

Dos poemas selecionados por Lebrun este é, em vários trechos, o mais aparelhado de imagens, o mais próximo de uma poesia autônoma, por assim dizer, livre de relações imediatas com conteúdos explícitos da obra filosófica de Nietzsche. *O mar, tão branco, dormindo absorto,/ E ali, purpúrea, vai uma vela,/ Penhasco, idílios, torres e cais,/ Balir de ovelhas e figueirais,/ Sul da inocência, me acolhe nela!* O tradutor brasileiro manteve as rimas com uma engenhosidade só disponível a outro poeta. *Eingeschlafen – Hafen - Shafen, Drauf - nimm auf* são vertidas com leveza para os pares *vela - nela, cais - funerais*.

Mas outra característica deste poema é ainda mais importante que essa, digamos, “prova” das virtudes rítmicas do poeta: a crítica da filosofia, ou da forma de exercê-la. Os versos *Só a passo e passo – é como estar morto,/ O pé ante pé faz o alemão pesar* poderiam ser lidos, talvez licenciosamente, como uma ferina observação sobre os “modos” alemães contra os quais Nietzsche foi sempre irônico. Lendo o verso seguinte a resposta é um sim inevitável, *Mandei o vento levar-me ao alto,/ Aprendi com pássaros leveza e salto/ Ao sul voei, por sobre o mar*. O contraste aqui requer uma pequena digressão. Um pássaro novamente lhe dá a medida do impossível, a liberdade de superar seus pares num momento de exacerbada preparação nacionalista na Alemanha. O *sul*, já no título, mas neste verso especialmente, é uma referência direta a Sorrento, região italiana para onde Nietzsche viajara pela primeira vez no outono de 1876, a convite de sua amiga Malwida von Meysenbug e que mudaria o curso de sua filosofia.⁹ A referência é fundamental, porque para Nietzsche o “sul” é sinônimo de liberdade, mas também de uma tensão fundamental de sua obra, dividida entre o rigor de uma filosofia que ele julgava aprisionada – na qual sua obra causou uma cesura – e um pensamento que muitos chamam ainda hoje de “musical”. O sul é como uma falsa metáfora, porque

não se trata de uma oposição clara em termos geográficos – Alemanha x Itália, por exemplo – mas de um escape, uma fuga que sempre lhe pareceu essencial, uma saída de teias invisíveis que poderiam se estender em forma de dominação tanto a partir da filosofia quanto da arte. A imagem do voo por sobre o mar fala por si; o mediterrâneo foi, em inúmeros momentos de sua obra, a imagem de uma direção essencial.

Adiante, essa crítica aparentemente regional se revela mais ampla, *Razão! Trabalho pesado e ingrato! Que vai ao alvo e chega tão cedo!* Nietzsche dilui aqui uma dura observação sobre o pensar e o fazer filosofia, ou menos, sobre o olhar e a mimese própria da criança que se inebria com a vista do novo, mesmo se repetido: *No voo aprendo o mal que me eiva –/ Já sinto ânimo, e sangue e seiva/ De nova vida e novo brinquedo...* Jogo virgem entre saber, pensar, escrever e jogar. Esse vaivém não para por aqui. Adiante, encontramos nos versos *Quem pensa a sós, de sábio eu trato/ Cantar a sós – já é para os parvos!* uma clara alusão às duas esferas com as quais Nietzsche conviveu longamente. Primeiro, diz ele, podemos entender que alguém crie seu sistema imerso na solidão; são os sábios, diz Nietzsche sem ironia aparente. Já *cantar a sós* não é possível, parece tarefa de tolos, simplesmente. E explica: *Estou cantando em vosso louvor*, isto é, como um exercício público, extremado, vivo e redentor. E pede, *Fazei um círculo e, ao meu redor,/ malvados pássaros, vinde sentar-vos!* Notemos que, pela primeira vez, os pássaros surgem como antíteses da imagem anterior, distinta daquele ser alado que lhe ensinara *leveza* e *salto* na 3ª estrofe. Aqui eles são a representação total do seu maior inimigo, o homem moderno.

O poema encerra com momentos distintos e até mesmo surpreendentes, onde tece uma mistura em forma de jogo entre erotismo e uma condenação quase pueril da procura pela verdade filosófica. *Jovens, tão falsos, tão inconstantes/ Pareceis feitos bem para amantes/ E em passatempos vos entreter...* (importante notar que o local das reticências depois do verso de aparente pendor erótico são do tradutor brasileiro, e não estão na mesma posição no original, onde aparecem apenas no último verso, „*Die Wahrheit*“ *hiess dies alte Weib...*, o que faz todo sentido, já que o conteúdo erótico – raro de se manifestar de modo tão direto em Nietzsche – ganha destaque somente em português). Ousar interpretar o que seriam os passatempos eróticos de Nietzsche com jovens é tarefa árdua e talvez facilmente desviante para caminhos pouco úteis aqui; melhor pensarmos, nesse caso, realmente a sós... Já os versos finais *No norte amei – e confesso a custo –/ Uma mulher, velha de dar susto:/ “Verdade”, o nome dessa mulher,* fazem contraponto à juventude sensual do verso anterior, e servem como condenação da “feiura” dessa velha mulher chamada *verdade*, tão velha que não é mais digna de desejos.

III

O andarilho¹⁰

(*Dos Poemas, 1871-1888*)

Um andarilho vai pela noite
 A passos largos;
 Só curvo vale e longo desdém
 São seus encargos.
 A noite é linda –
 Mas ele avança e não se detém.
 Aonde vai seu caminho ainda?
 Nem sabe bem.

Um passarinho canta na noite:
 “Ai, minha ave, que me fizeste!
 Que meu sentido e pé retiveste,
 E escorres mágoa de coração
 Tão docemente no meu ouvido,
 Que ainda paro
 E presto atenção? –
 Por que me lanças teu *chamariz*?” –

A boa ave se cala e diz:
 “Não, andarilho! Não é a ti não,
 Que chamo aqui
 Com a canção –
 Chamo uma fêmea de seu desdém –
 Que importa isso a ti também?
 Sozinho, a noite não está linda –
 Que importa a ti? Deves ainda
 Seguir, andar,
 E nunca, nunca, nunca parar!
 Ficas ainda?
 O que te fez minha flauta mansa,
 Homem da andança?”

A boa ave se cala e pensa:
 “O que lhe fez minha flauta mansa,
 Que fica ainda? –
 O pobre, pobre homem da andança!”

Der Wanderer

Es geht ein Wanderer durch die Nacht
 Mit gutem Schritt;
 Und krummes Thal und lange Höhn
 Er nimmt sie mit.
 Die Nacht ist schön —
 Er schreitet zu und steht nicht still,
 Weiß nicht, wohin sein Weg noch will. —

Da singt ein Vogel durch die Nacht. —
 — „Ach Vogel, was hast du gemacht?
 Was hemmst du meinen Sinn und Fuß
 Und gießest süßen Herzverdruß
 Ins Ohr mir,
 daß ich stehen muß
 Und lauschen muß,
 Was lockst du mich mit Ton und Gruß?“ —

Der gute Vogel schweigt und spricht:
 Nein Wanderer, nein! Dich
 | grüß ich nicht
 Mit dem Getön;
 Ein Weibchen lock' ich von den Höhn -
 Was geht's dich an?
 Allein ist mir die Nacht nicht schön -
 Was geht's dich an? Denn du
 | sollst gehn
 Und nimmer, nimmer stille stehn!
 Was stehst du noch?
 Was tat mein Flötenlied dir an,
 Du Wandersmann?“

Der gute Vogel schwieg und sann:
 „Was tat mein Flötenlied ihm an?
 Was steht er noch?
 Der arme, arme Wandersmann!“

Para ouvir: https://soundcloud.com/henry_burnett/3-o-andrarilho

O poema traz o personagem alado novamente, mas agora como um interlocutor presente, quase um conselheiro. A história descreve um andarilho, um caminhante aparentemente imerso em grande angústia, um cenário que, de imediato, nos coloca no centro de um dos grandes motes da filosofia de Nietzsche: a solidão. Mas que também permite recolocar uma separação muito importante aos seus leitores, mormente os que tendem a valorizar tal solidão como fruto de certa “rebeldia” – algo que pode facilmente confundir e tornar indiferente o significado da solidão e do isolamento como algo

determinante em todo o percurso intelectual de Nietzsche. Quem lê algumas páginas de *Ecce Homo*, sua autobiografia, pode perceber que a solidão, em nenhum momento, é um tabu para Nietzsche, uma vergonha que precisa ser mascarada. Ao contrário, ele a suporta sem resignação, como se ela fosse parte de sua tarefa, ou resultado dela. Isso porque ele não foi um pensador isolado de seu tempo – talvez apenas metaforicamente, ou, como ele diria, extemporaneamente –, sua obra resulta justamente da amplitude de suas leituras e de suas interlocuções.

Sua solidão está exposta no poema de modo nítido: *A noite é linda –/ Mas ele avança e não se detém/ Aonde vai seu caminho ainda?/ Nem sabe bem*. Como em vários momentos de sua obra em prosa, é também de si que ele está falando no poema, um espelhamento entre vida e obra que lhe custou caro. O caminho que conduz esse andarilho sempre adiante não é claro, nem para ele mesmo. Caminhar em direção ao desconhecido sim era importante, pois nessa desventura residia uma possibilidade de escapar da armadilha niilista de sua época, dos limites de uma vida que nascia anunciando seus fins. A *noite* inebriante não é algo obscuro, como pode parecer; antes pode ser vista como um sinônimo de beleza, mas nem a beleza deve deter o caminhante: *Sozinho, a noite não está linda –/ Que importa a ti? Deves ainda/ Seguir, andar,/ E nunca, nunca, nunca parar!* O segundo trecho escancara a solidão, vira as costas para a beleza e avisa que a ida é sem volta. E não é difícil perceber que tal beleza é justamente a música, a grande fonte de reflexão, a origem que sempre foi recuperada e rediviva.

Mas o pássaro pergunta sobre a hesitação que retém o andarilho, pausa que o faz suspender a trajetória e ouvir, *O que te fez minha flauta mansa,/ Homem da andança?* O chamamento da canção não era destinado ao caminhante, pois o pássaro diz *Chamo uma fêmea de seu desdém/ Que importa isso, a ti também?* Quer dizer, o chamado era por outra sensibilidade, feminina, e será justamente o mesmo sentimento que tocará Nietzsche e o reterá por alguns instantes; mas o andarilho parece desacreditar e chega a ver a música se diluir como promessa.

O poema é de 1876 (NF-1876, 17[31], eKGWB), um ano muito significativo do ponto de vista do entendimento do conjunto da obra. É o ano da *IV Consideração extemporânea, Richard Wagner em Bayreuth*, último texto publicado sob a batuta do wagnerismo e que viria a encerrar a chamada primeira fase justamente com um rompimento em relação ao compositor. A amizade que os unira estava então com os dias contados. O poema pode ser lido em um contexto próximo ao de uma espécie de tensão entre o *ouvir* e o *ignorar*, quer dizer, entre a sedução da música que ainda soava como uma tentação de difícil fuga e a necessidade de superar aquele projeto já tão avesso aos propósitos de uma maturidade estética premente. Pudéssemos falar em um *eu* do poema, ele pouco se mostraria. Era um momento de solidão, sim, mas uma solidão introspectiva, como uma preparação para o que viria a seguir.

em cada profundeza já mergulhou.
 Mas sempre igual à cortiça,
 sempre bóia outra vez à tona,
 bruxeleia como óleo
 | sobre os mares morenos;
 por ter essa alma me chamam
 | o Afortunado.

Quem são meu pai e mãe?
 Não é meu pai o príncipe Supérfluo,
 e mãe o Riso silencioso?
 Não me gerou esse duplo conúbio,
 eu animal de enigma,
 eu monstro luminoso,
 eu esbanjador de toda sabedoria de
 Zarathustra?

Hoje doente de delicadeza,
 um vento de orvalho,
 Zarathustra está sentado, esperando,
 | esperando, em suas
 | montanhas –
 em seu próprio suco
 tornado doce e cozinhado,
embaixo de seu cume
embaixo de seu gelo
 cansado e venturoso,
 um criador em seu sétimo dia.

– Quietos!
 Uma verdade passa por sobre mim
 Igual a uma nuvem –
 com relâmpagos invisíveis ela me atinge.
 Por largas lentas escadas
 sobe até mim sua felicidade:
 vem, vem, querida verdade!

– Quietos!
 É *minha* verdade! –
 De olhos esquivos,
 De arrepios aveludados
 me atinge seu olhar,
 amável, mau, um olhar de moça...
 Ela adivinha o *fundo* de minha felicidade,
 ela *me* adivinha
 | – ah! o que ela inventa? –
 Purpúreo espreita um dragão
 no sem-fundo de um olhar de moça.

Quietos! Minha verdade *fala!*

Ai de ti, Zarathustra!
 Pareces alguém
 que engoliu ouro:

in jede Tiefe tauchte sie hinab.
 Aber immer gleich dem Korke,
 immer schwimmt sie wieder obenauf,
 sie gaukelt wie Öl über braune Meere:

dieser Seele halber heisst man mich
 | den Glücklichen.

Wer sind mir Vater und Mutter?
 Ist nicht mir Vater Prinz Überfluss
 und Mutter das stille Lachen?
 Erzeugte nicht dieser Beiden Ehebund
 mich Räthselthier,
 mich Lichtunhold,
 mich Verschwender aller Weisheit
 Zarathustra?

Krank heute vor Zärtlichkeit,
 ein Thauwind,
 sitzt Zarathustra wartend,
 | wartend auf seinen Bergen, —

im eignen Saft
 süß geworden und gekocht,
 unterhalb seines Gipfels,
 unterhalb seines Eises,
 müde und selig,
 ein Schaffender
 | an seinem siebenten Tag.

— Still!
 Eine Wahrheit wandelt über mir
 einer Wolke gleich, —
 mit unsichtbaren Blitzen trifft sie mich.
 Auf breiten langsamen Treppen
 steigt ihr Glück zu mir:
 komm, komm, geliebte Wahrheit!

— Still!
 Meine Wahrheit ists!
 Aus zögernden Augen,
 aus sammtenen Schauern
 trifft mich ihr Blick,
 lieblich, böß, ein Mädchenblick...
 Sie errieth meines Glückes Grund,
 sie errieth mich
 | — ha! was sinnt sie aus? —
 Purpurn lauert ein Drache
 im Abgrunde ihres Mädchenblicks.

— Still! Meine Wahrheit redet! —

Wehe dir, Zarathustra!
 Du siehst aus, wie Einer,
 der Gold verschluckt hat:

ainda hão de te abrir a barriga!...

man wird dir noch
 | den Bauch aufschlitzen!...

És rico demais,
 corruptor de muitos!
 São muitos os que tornas invejosos,
 são muitos os que tornas pobres...
 A mim própria tua luz faz sombra –
 ela me enregela: vai embora,
 | tu, que és rico,
 vai, Zarathustra, sai de teu sol!

Zu reich bist du,
 du Verderber Vieler!
 Zu Viele machst du neidisch,
 zu Viele machst du arm...
 Mir selber wirft dein Licht Schatten —,
 es fröstelt mich: geh weg, du Reicher,

geh, Zarathustra, weg
 | aus deiner Sonne!...

Queres presentear,
 | distribuir teu supérfluo,
 mas tu próprio és o mais supérfluo!
 Sê esperto, tu, que és rico!
Presenteia antes a ti próprio,
 | ó Zarathustra!

Du möchtest schenken, wegschenken
 | deinen Überfluss,
 aber du selber bist der Überflüssigste!
 Sei klug, du Reicher!
 Verschenke dich selber erst,
 | oh Zarathustra!

Dez anos já –
 e nenhuma gota te alcançou?
 Nem úmido vento? nem orvalho de amor?

Zehn Jahre dahin —,
 und kein Tropfen erreichte dich?
 Kein feuchter Wind?
 | kein Thau der Liebe?

Mas quem *haveria* de te amar,
 ó mais que rico?
 Tua felicidade faz secar em torno,
 torna pobre de amor
 – uma terra *sem chuva*...

Aber wer sollte dich auch lieben,
 du Überreicher?
 Dein Glück macht rings trocken,
 macht arm an Liebe
 — ein regenloses Land...

Ninguém mais te agradece,
 mas tu agradeces a todo aquele
 que toma de ti:
 nisso te reconheço,
 ó mais que rico,
 ó *mais pobre* de todos os ricos!

Niemand dankt dir mehr,
 du aber dankst Jedem,
 der von dir nimmt:
 daran erkenne ich dich,
 du Überreicher,
 du Ärmster aller Reichen!

Tu te sacrificas, tua riqueza
 | te *atormenta*–
 tu dás,
 não te poupas, não te amas:
 o grande tormento te força o tempo todo,
 o tormento dos celeiros *saturados*,
 | do coração *saturado* –
 mas ninguém mais te agradece...

Du opferst dich, dich quält
 | dein Reichthum —,
 du gibst dich ab,
 du schonst dich nicht,
 | du liebst dich nicht:
 die grosse Qual zwingt dich allezeit,
 die Qual übervoller Scheuern,
 | übervollen Herzens —
 aber Niemand dankt dir mehr...

Tens de tornar-te *mais pobre*,
 sábio insensato!
 queres ser amado.
 Ama-se somente aos sofredores,
 só se dá amor aos que têm fome:
presenteia antes a ti próprio,

Du musst ärmer werden,
 weiser Unweiser!
 willst du geliebt sein.
 Man liebt nur die Leidenden,
 man giebt Liebe nur dem Hungernden:
 verschenke dich selber erst,

| ó Zaratustra!

| oh Zarathustra!

– Eu sou tua verdade...

— Ich bin deine Wahrheit...

Para ouvir: https://soundcloud.com/henry_burnett/4-da-pobreza-do-riqu-ssimo

O longo poema final, que podemos tomar como prosa poética, foi escrito no último ano de produção consciente de Nietzsche, 1888, ano de *O caso Wagner*, *Ecce Homo* e *O anticristo*. Ele deixa poucas margens para interpretação, justamente porque tem a função de um discurso público, como um anúncio direto. É Nietzsche só, em uma narrativa onde se deixa confundir propositalmente com Zaratustra, exacerbando quiçá pela primeira vez uma tensão que acompanhou seus arroubos psíquicos nos últimos anos de vida. Pode ser visto como uma síntese daqueles outros momentos, de solidão, de paixão, de dignidade que vimos há pouco. Um poema-testamento? Sem dúvida, mas dotado de um clima distinto dos outros poemas. Não encontramos aqui jogos metafóricos, desvios, figurações – daí parecer dispensável imprimir-lhe à força uma linha melódica, bastando fixá-lo na leitura, deixando soar com música apenas o falso refrão que se repete como um lamento, *Dez anos já -/ e nenhuma gota me alcançou,/ nem úmido vento nem orvalho do amor/ - uma terra sem chuva...*

A troca de lugar autor/personagem é marcada justamente no trecho musicado, que na primeira estrofe diz *e nenhuma gota me alcançou* e na segunda *te alcançou*; o mote é recorrente e funde todo sentimento de desamparo e desespero que sempre acometeu Nietzsche com respeito à indiferença com que seus pares o recepcionaram e, por tabela, ignoraram Zaratustra. É como se não houvesse de fato, passados tantos anos, nenhuma herança, nenhum eco de seu embate contra as forças que moviam a Alemanha (e o mundo) numa direção incontornável que, de muitas formas, Nietzsche prognosticou. Mas nada podia ser feito: *Queres presentear, distribuir teu supérfluo,/ mas tu próprio és o mais supérfluo!*

Mas não se trata, apesar do clima aparente de resignação, de um “amolecimento dos instintos”. Ao contrário, Nietzsche se despede dotado de profunda autocompreensão, mesmo que admitindo limites: *Ama-se somente aos sofredores,/ só se dá amor aos que têm fome:/* presenteia antes a ti próprio, *ó Zaratustra!/ – Eu sou tua verdade...* num poema publicado no *Ecce Homo*, seção 7 do capítulo “Por que sou tão inteligente”, ecoa a mesma sensação de abandono deste com o qual finalizamos estas reflexões, mas é onde sabemos com mais exatidão o que acompanhou Nietzsche em seus últimos momentos: “Quando busco outra palavra para música, encontro somente a palavra Veneza. Não sei distinguir música de lágrimas. – Não sei pensar a felicidade, o *Sul*, sem um estremecimento de pavor”, e Nietzsche deixa o poema soar como seu último canto, aqui na tradução de Paulo de César Souza:

Junto à ponte me achava
há pouco na noite gris.
De longe veio um canto:
gota de ouro orvalhando
sobre a superfície trêmula.
Luzes, gôndolas, música –
ébrio em direção ao crepúsculo...

An der Brücke stand
jüngst ich in brauner Nacht.
Fernher kam Gesang:
goldener Tropfen quoll's
über die zitternde Fläche weg.
Gondeln, Lichter, Musik —
trunken schwamm's
| in die Dämmerung hinaus...

Minha alma um alaúde,
por mão invisível tocada, cantou
| para si, em resposta,
uma canção gondoleira,
trêmula em mil tons de alegria.
- Alguém a teria escutado?...¹²

Meine Seele, ein Saitenspiel,
sang sich, unsichtbar berührt,

heimlich ein Gondellied dazu,
zitternd vor bunter Seligkeit.
— Hörte Jemand ihr zu?...

Ficha técnica da gravação

Poemas I, II e III | violão e voz: Henry Burnett | guitarra: Marcel Rocha
Poema IV | violão e voz: Henry Burnett | teclados: André Pontes

* Henry Burnett é compositor e professor adjunto do Departamento de Filosofia da UNIFESP.

¹ *Nietzsche Gedichte*. Edição organizadas por Ralph Kray e Karl Riha. Frankfurt am Main: Insel Taschenbuch, 1994. Vale lembrar da mais completa edição dos poemas de Nietzsche em língua portuguesa, organizada e traduzida por Paulo Quintela, *F. Nietzsche: poemas*. Coimbra: Centelha, 1981. Foi consultada para a elaboração deste texto a edição mais recente das obras completas de Nietzsche, com direção editorial de Paolo D'lorio: *Digitale Kritische Gesamtausgabe* (doravante eKGWB, link: <http://www.nietzschesource.org/>).

² Sobre este livro cabe dizer que foi publicado pela primeira vez em 1882, mas posteriormente (1886) reeditado com o acréscimo de um quinto capítulo e de um novo prefácio, procedimento editorial que foi amplamente utilizado por Nietzsche naquele período, num balanço que abarcava cinco obras no total, todas pertencentes à assim chamada fase “juvenil” e “intermediária”. Sobre os chamados “prefácios de 1886” dediquei uma pesquisa específica, publicada sob o título *Cinco prefácios para cinco livros escritos: uma autobiografia filosófica de Nietzsche*. Belo Horizonte: Tessitura Editora, 2008.

³ Qualquer possível variação de datas ou de informação resulta do cotejo da tradução brasileira com a eKGWB.

⁴ Os ensaios de Lebrun estão reunidos no volume *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. O livro foi organizado por Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Maria Lúcia M. O. Cacciola e Marta Kawano.

⁵ A obra poética de Rubens Rodrigues Torres Filho foi reunida em *Novolume*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

⁶ Depois de cada poema o leitor encontrará um *player*, onde poderá ouvir o poema musicado em uma gravação caseira, seguido de um breve comentário histórico-filosófico. Cabe lembrar que,

além dos quatro poemas traduzidos por Rubens Torres Filho para a coleção *Os pensadores*, existe ainda outro, chamado “Cai o sol”, traduzido para o volume escrito por Scarlett Marton: *Friedrich Nietzsche. Coleção Encanto Radical*. São Paulo: Brasiliense, 1982 .

⁷ *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Victor Civita, 1974. Em alemão, *Anhang: Lieder des Prinzen Vogelfrei*. In: *Die fröhliche Wissenschaft*. Leipzig: E. W. Fritsch, 1887 (eKGWB). A descrição abaixo do título reproduz a mesma forma que aparece no volume da coleção *Os pensadores*.

⁸ Ibidem.

⁹ Ver D'IORIO, P. *Le voyage de Nietzsche à Sorrente*. Paris: CNRS Editions, 2012. Do mesmo autor, “Nietzsche fra Tristano e Carmen”. In: TATASCIORE, C. (éd.), *Filosofia e musica*, Torino: Bruno Mondadori, 2008. Tradução em português de Henry Burnett e Ernani Chaves, “Entre Tristão e Carmen”. In: *Estudos Nietzsche*, v. 3, n. 2 (no prelo).

¹⁰ *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. Op. cit.. Em alemão, *Anhang: Lieder des Prinzen Vogelfrei*. Op. cit.

¹¹ Idem, Ibidem. Em alemão: *Dionysos-Dithyramben* (“Autorisierte Schriften”, s.d.) (eKGWB).

¹² eKGWB/EH-Klug-7. NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 46.